

Forma Livre

**FOTOGRAFIA E
ESPECTADOR:
UM RELATO**

Ethel Braga

Ethel Braga

Mestranda em Fotografia Contemporânea e
Projetos Pessoais pela Escola EFTI, de Madri,
Espanha. Especialista em Fotografia Técnica,
Linguagem e Mídia pelo Centro Universitário Una.

“Algo muda.” Quando vou fotografar um espetáculo cênico e proponho fazer fotos de um ensaio sem público, é assim que justificam todos os artistas ao negarem minha sugestão. Como fotógrafa, tenho muito mais liberdade quando não há público, já que posso me mover livremente, não preciso economizar nos cliques e me sinto mais relaxada. Mas, toda vez que eu tento, obtenho a mesma resposta, e acabo propondo fazer os dois: um ensaio e uma apresentação, sem e com o público. E eu, como atriz que sou, concordo. Algo muda quando alguém te olha. Há uma emoção, uma expectativa a ser alcançada, além disso, muito mais simples, há outro corpo ali, perto do seu. E esses corpos partilham alguma coisa. Um amigo ator e diretor, recentemente, escolheu realizar todos os ensaios do seu monólogo com espectadores presentes. Convidou amigos, familiares e até desconhecidos para ensaiar com ele, tamanha a importância dessa partilha, dessa presença. Foi uma escolha para “fazer teatro todos os dias”, me explicou.

“Se fotografar quem está em cena pode ser um desafio, imagina quem está fora dela?” foi a primeira frase que me veio quando comecei a escrever este texto. Meu cérebro me engana quando rapidamente passa pela minha cabeça que o espectador está fora do fazer teatral. No segundo seguinte, dou a volta completa e já me arrisco a dizer que o espectador é não só parte importante do fazer teatral, mas também metade dele, já que teatro, em seu cerne absoluto, é encontro. Estar em cena é ser visto por alguém, é dividir o acontecimento, partilhar tempo e espaço. E poderíamos falar desse mesmo encontro quando falamos de fotografia. Algo também muda quando uma lente é apontada em sua direção, lente esta que nada mais significa do que: “Oi, eu também estou presente.” É, por isso, que, para mim, a fotografia e o teatro estão interligados de tal maneira que, por vezes, me perco e não sei mais diferenciar um do outro. Ambos são formas de encontro com alguém, de partilhar presenças. Ambos são maneiras de ser apresentado ao outro e ao mundo.

Comecei minha trajetória profissional na fotografia já imersa no meio teatral, enquanto cursava arte dramática. Minhas lentes encontraram atores e atrizes amadores e profissionais, fora e dentro de cena, e, hoje em dia, encontram a mim mesma. Desde que comecei a cursar mestrado na Espanha, associado a uma grande virada na minha vida pessoal, resolvi dar um “giro de 360 graus” e comecei a fotografar a mim mesma. Virar a câmera para você

mesmo, fotógrafo, é um exercício muito interessante. E não seria também uma maneira de fotografar um espectador? Se considerarmos que o fotógrafo, por essência, é aquele que olha, que “retrata”, assim, ao fotografar a si mesmo, o fotógrafo torna-se espectador e espetáculo. Plateia e ator. E, assim, a partilha torna-se íntima, e o encontro é consigo mesmo.

Já fotografei teatro em diversas atmosferas. Grandes palcos, espaços alternativos, galpões, praças, em condições inusitadas, com pouquíssimos espectadores, chuva ou calor em demasia. O desafio é o mesmo. Transmitir, em imagens, detalhes e sensações daquele encontro. E, de uma forma ou de outra, partilhar, já que, como fotógrafa, eu também observo, recebo e sinto.

Durante alguns anos, tive o prazer de fotografar o projeto Janela de Dramaturgia, que reúne jovens dramaturgos brasileiros para realizarem leituras dramáticas de textos inéditos. O projeto acontece anualmente em Belo Horizonte e ganha cada vez mais espaço no cenário nacional. Uma vez por mês, durante 7 meses, público e autor se encontram, pela primeira vez, em um espaço cênico. E muitas das sessões aconteciam no mesmo lugar, no Teatro Espanca, localizado no hipercentro da cidade. Além da habitual luta interna que era fotografar esse encontro – porque especificamente, nessa situação, a foto não deveria “esbarrar” no espectador, como normalmente se espera da fotografia de cena, e sim, contemplá-lo absolutamente –, as sessões ocorriam sempre no mesmo lugar, com a mesma disposição da plateia, a mesma parede grafitada, e quase sempre o mesmo esquema de luz. Nada mais entediante para uma fotógrafa. Assim, todo mês tinha que me desdobrar em captar algo especial, algo raro, que só fazia parte daquele encontro e de nenhum outro mais. Até hoje não sei se consegui, mas dentre os vários ensinamentos que o teatro trouxe para minha vida, é que mais importante que o resultado final é o caminho que atravessamos para chegar a ele. Não me entendam mal, é claro que eu quero que as minhas fotos tenham um enquadramento excepcional e um contraste interessante. Mas primeiro aprendi que quanto mais eu me mesclo, mais me deixo levar por aquele acontecimento, mais profundas e intensas serão as minhas fotos. E era esse processo que me desafiava. Entrar no jogo ao mesmo tempo que me distanciava, para, então, enquadrar.

O teatro é a arte do efêmero. Com esse clichê, podemos pensar um pouco sobre a importância da fotografia de cena e também o papel do es-

pectador dentro dessa fotografia. É impossível registrar um acontecimento teatral em sua totalidade, já que ele acontece em um dado momento entre um grupo particular de pessoas (ator/diretor, ator/espectador e entre diversas dualidades *ad infinitum*). Uma foto – como qualquer outra ferramenta de registro – recorta um momento desse encontro, a partir do olhar do fotógrafo. É um fato. Outro dado é que, incluindo o espectador nesse registro, e não só a dita “cena”, podemos, posteriormente, ao analisar essas fotos, absorver mais do que foi aquele acontecimento em específico. Portanto, incluir o espectador é uma forma de imortalizar o clima de um espetáculo. Se a plateia estava ou não concentrada, rindo, emocionada, por exemplo. A partir do momento em que um espectador é capturado pelas lentes da câmera, ele também se transforma em ator, já que contribui, de várias maneiras diferentes, e em distintas intensidades, para a (re)composição daquele momento. Da mesma forma que o público presente transforma a ação teatral, a reação desse mesmo público registrada por uma lente nos ajuda a recuperar as sutilezas desse evento.

E há casos curiosos. Certa vez, registrando esse projeto, fiz uma foto de uma parte da plateia, que estava, quase em absoluto, gargalhando. No meio dos inúmeros sorrisos, duas pessoas permaneciam impassíveis. Eram os críticos convidados daquela sessão. “Não é difícil agradar a crítica”, comentou alguém na rede social do projeto.



Além disso, há uma questão intrínseca à fotografia de cena, que também importa bastante nesse caso, que é a invisibilidade do fotógrafo. Guto Muniz, um dos grandes fotógrafos brasileiros de artes cênicas, é um mestre na arte de passar incógnito em meio à plateia, sem que ninguém ouça seus cliques ou mesmo note sua presença. Para mim, é um objetivo que esbarra no impossível. Mas, de novo, é o processo de tentar olhar sem ser olhado que torna esse ofício ainda mais desafiador. Ao mesmo tempo que são essenciais para o resultado do meu trabalho partilhar e sentir-se presente, esse processo precisa ser solitário, íntimo e anônimo.

Já há alguns anos alimento uma obsessão em fotografar o invisível. Registrar aquilo que não pode ser registrado, que não pode ser visto. Eu comecei procurando fotografar o silêncio, e hoje em dia pesquiso, entre outras coisas, o poder do silêncio na imagem em movimento. Fotografar teatro faz parte dessa busca em fotografar o infotografável. É registrar aquele fio invisível que conecta o corpo espectador ao corpo entregue às intermináveis ações teatrais. O mesmo fio que conecta a câmera a mim mesma nas minhas séries de autorretratos. E que, espero, conecte as minhas fotos àquele que as vê. Assim como o teatro não é feito para o espectador, mas, com ele, a fotografia não é apenas uma ferramenta de registro, mas uma pulsação a mais nesse encontro.

Observar é estar.

Recebido em 10/05/2016

Aprovado em 10/05/2016

Publicado em 30/06/2016



Projeto Janela de Dramaturgia - BH/MG
Foto: Ethel Braga



Projeto Janela de Dramaturgia - BH/MG
Foto: Ethel Braga